



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS
DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

JORGE CLEITON SILVA SOUZA

**METODOLOGIAS ATIVAS APLICADAS À FORMAÇÃO
DOCENTE: um estudo teórico**

ITABUNA

2024

JORGE CLEITON SILVA SOUZA

METODOLOGIAS ATIVAS APLICADAS À FORMAÇÃO
DOCENTE: um estudo teórico

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Itabuna, como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Zelia Maria Melo de Lima Santos.

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espindula.

ITABUNA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS DA APRENDIZAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO


JORGE CLEITON SILVA SOUZA

METODOLOGIAS ATIVAS APLICADAS À FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO TEÓRICO


Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Petrolina, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: 27 de janeiro de 2024.


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 DANIEL HENRIQUE PEREIRA ESPINDULA
Data: 29/01/2024 15:14:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula.
UNIVASF

Documento assinado digitalmente
 MICHELLE CHRISTINI ARAUJO VIEIRA
Data: 27/01/2024 14:49:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michelle Christini Araujo Vieira UNIVASF

Documento assinado digitalmente
 LAURISTON DE ARAUJO CARVALHO
Data: 27/01/2024 15:28:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lauriston de Araújo Carvalho IFPB

Metodologias ativas aplicadas à formação docente: um estudo teórico

Active methodologies applied to teacher training: a theoretical study

Jorge Cleiton Silva Souza¹

RESUMO

Este artigo propõe uma discussão sobre a formação docente continuada, destacando a utilização e mobilização das Metodologias Ativas como um elemento central desse processo. A abordagem adotada consiste em realizar uma análise teórica dessas metodologias, com ênfase na sua aplicação à formação continuada de professores, a partir de trabalhos acadêmicos que articulam esses dois temas. O escopo principal da pesquisa está voltado para os efeitos dessas mudanças na prática profissional dos docentes. O estudo realizado reforça a importância e o protagonismo do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, observa-se a necessidade eminente de reavaliar esse papel, afastando-o da subjetivação como "educadores bancários" e, ao invés disso, ratificar a necessidade de transição para postura como mediadores e facilitadores no processo de construção do conhecimento escolar.

Palavras-chave: Formação docente. Metodologias Ativas. Educação.

ABSTRACT

This article proposes a discussion on ongoing teacher education, highlighting the use and mobilization of Active Methodologies as a central element in this process. The adopted approach involves a theoretical analysis of these methodologies, with an emphasis on their application to the continued education of teachers, based on academic works that link these two themes. The main scope of the research is focused on the effects of these changes on the professional practice of teachers. The study reinforces the importance and protagonism of the teacher's role in the teaching-learning process. However, there is an evident need to reassess this role, moving away from the subjectification as "banking educators" and, instead, affirming the need for a transition to a role as mediators and facilitators in the process of constructing school knowledge.

Keywords: Teacher education. Active Methodologies. Education.

1 INTRODUÇÃO

A educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organizar o currículo, as

¹ jorgecleitonssouza@gmail.com. Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Estudante do Programa de Pós-graduação em Metodologias Ativas e Aprendizagem (UNIVASF). <http://lattes.cnpq.br/9074241885932743>.

metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos (Moran, 2015, p. 15). Por meio do desenvolvimento das tendências pedagógicas ao longo da história, compreende-se a necessidade de mudar o processo de oferta e de apropriação do conhecimento, comum e tradicionalmente ancorado em práticas docentes reprodutivas e de transmissão de saberes (Medeiros et.al., 2022, p. 1).

Referindo-se à utilização de métodos ativos de aprendizagem, tem-se constatado que o docente exerce um papel fundamental, pois é ele quem faz a mediação do processo e apoia o estudante na construção do conhecimento se pautando, essencialmente, no princípio dialógico. Entretanto, nem sempre esses profissionais, que foram formados pelo método tradicional de ensino, contam com o preparo adequado para assumir esse novo papel. Assim, a formação docente deve ocorrer como um processo de desenvolvimento contínuo, o que pode acontecer por meio de suas vivências, pesquisas, leituras, discussões e participações em eventos, entre outras (Medeiros et.al., 2022, p. 2).

Porém, é sabido que o campo da formação docente no Brasil manteve-se por décadas, à margem de decisões e pretensões mais arrojadas do Estado. Somente nas últimas décadas, especificamente, a partir da LDBEN nº 9.394/96, verificam-se políticas de estado articuladas e focadas na promoção e no incentivo à formação de docentes em nível superior para atuação na Educação Básica, assim como programas de valorização do magistério (Oliveira; Nóbrega; Cavalcante, 2023, p. 1).

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes (Almeida E Valente *apud* Moran, 2015, p. 16). A abordagem das metodologias ativas ainda na formação inicial, proporciona ao futuro professor um suporte teórico e experiência com relação às vantagens e dificuldades na implementação em sala de aula, de modo a capacitá-lo para elaboração de estratégias didáticas que os auxilie, posteriormente, em sua atuação profissional (Pereira; Correia, 2022, p. 2).

Com fulcro na discussão acima, este trabalho nasce da experiência e inquietação pedagógica oriunda de dois lugares distintos, mas intrinsecamente conectados: professor e coordenador pedagógico. Enquanto docente, a necessidade de inovação e de novas práticas trouxe ao bojo do meu fazer pedagógico a gama de possibilidades das Metodologias Ativas. A partir disso, e mediante um trabalho de pesquisa, foi possível associá-las às atividades próprias da sala de aula.

Contudo, o aprofundamento e o estudo constantes revelaram uma lacuna: a ausência de formação continuada dos professores. E essa percepção ficou ainda mais patente a partir do lugar de coordenador pedagógico municipal, ao estar diretamente ligado ao trabalho dos docentes, que, em sua maioria, já estão há muito tempo na rede e também formados. Isso faz com que alguns professores ainda se vinculem a métodos tradicionais e com poucos recursos tecnológicos, na maioria das vezes por falta de capacitação e acompanhamento necessário para tanto.

Diante disso, levantou-se a seguinte questão de pesquisa que fomentou este trabalho: quais os efeitos das Metodologias Ativas aplicadas à formação docente? A priori, e provisoriamente, sugere-se que: i) a adoção de Metodologias Ativas na formação de professores pode influenciar positivamente

a percepção e atitude dos docentes em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Acredita-se que essa abordagem pedagógica inovadora pode contribuir para a formação de profissionais mais reflexivos, adaptáveis e aptos a lidar com os desafios contemporâneos da educação, promovendo, assim, um ambiente educacional mais dinâmico e eficaz; e ii) a aplicação de Metodologias Ativas na formação docente promove um maior engajamento dos professores, resultando em uma aprendizagem mais significativa e na capacidade aprimorada de aplicar essas metodologias em suas práticas pedagógicas.

A proposta deste estudo, portanto, consiste em uma leitura teórica a respeito das Metodologias Ativas aplicadas à formação continuada dos professores, tendo como foco os efeitos dessas mudanças na prática profissional desses sujeitos. Para tanto, este trabalho é fruto de um compêndio de teóricos que contribuíram para embasar as discussões a respeito da temática em tela, as quais dizem respeito à formação docente diante das metodologias ativas e sua efetividade na práxis da sala de aula, educação e escola contemporânea entre outros temas correlatos.

Este estudo justifica-se pela pontualidade na abordagem e pelo fato de ser o objeto desse estudo oportuno, sobretudo, para fomentar o debate acerca da implementação das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem nas escolas a partir, principalmente, da formação continuada dos professores. Isso é necessário, pois as redes de ensino precisam considerar que os seus docentes estão se deparando, cada vez mais, com um público de estudantes “nativos digitais”, altamente conectados e com diversas habilidades a serem exploradas.

2 METODOLOGIAS ATIVAS: POSSIBILIDADES DE USO NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

O processo de ensino-aprendizagem envolvendo o ambiente escolar requer dinamismo, conhecimento aprofundado mediante estudo constante por parte do professor e didática específica e dialógica, sobretudo em relação ao uso das novas tecnologias e das Metodologias Ativas. A partir desse pressuposto, vale ressaltar que não se trata de asseverar que o professor é aquele que só ensina, revela um determinado conteúdo e oferece as respostas, mesmo porque, como afirma Paulo Freire “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (p. 06, 1996). E mais, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (p. 12, 1996)”. Assim sendo, a prática docente precisa ser dinâmica, para que esse sujeito seja capaz de ser um bom mediador. Logo, o professor deve associar sua práxis pedagógica à pesquisa, haja vista que tal prática além de um princípio educativo e cognitivo, também ajuda o professor a se tornar um produtor de conhecimento. Esse exercício, considerando a gama de conhecimento e atualizações que a pesquisa permite adquirir, deve ser uma realidade a todos os docentes.

Para não se sentirem ultrapassados, os professores precisam urgentemente de se recontextualizarem na sua identidade e responsabilidades profissionais (Alarcão, 2011, p. 34), o que inclui, obrigatoriamente a pesquisa, o estudo e a reflexão sobre o processo. Isso é importante, pois essa busca e produção do saber podem se reverberar no trabalho do professor e livrá-lo do erro de se compreender como um “transferidor” de conteúdo. A prática docente,

portanto, não está desvinculada do ato de aprender, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, p. 12, 1996).

Assim, chegamos ao que Freire classifica como “Ensino bancário”, que, em síntese, seria o ato de fazer do aluno um depositário de conhecimentos sem considerar seu protagonismo e importante papel na construção do saber. Por isso, Isabel Alarcão observa na postura reflexiva do docente uma chave importante para romper com o ensino bancário. Segundo ela, na era da informação, o professor é o timoneiro na viagem da aprendizagem em direção ao conhecimento (Alarcão, 2011, p. 33).

Essa discussão inicial é importante, pois estamos vivendo um novo paradigma educacional, e, nesse momento, o professor é aquele que, consciente do seu papel, orienta seus alunos e os estimula a irem ao encontro do saber, mediando todo o processo. Ou seja, isso implica, conforme Mosé (2015), em superar a ênfase na instrução e privilegiar a educação em um sentido mais amplo [...]; rever o ensino disciplinar, fundado na passividade, no adestramento; colocar o aluno no centro do processo educativo, como sujeito ativo, e não como receptor e transmissor de dados (2015, p. 66).

A partir dessa perspectiva dialógica envolvendo o processo de ensino-aprendizagem, a partir dos sujeitos atores-construtores do conhecimento em sala de aula, é preciso também pontuar a concepção de Metodologias Ativas empregada nesta discussão. Isso se faz mister em virtude do escopo deste trabalho.

As Metodologias Ativas, a partir de autores como Moran e Bacich, por exemplo, são estratégias, meios, canais. Elas pressupõem algumas características, tais quais: i) o professor como mediador do processo de ensino aprendizagem; ii) o aluno como centro desse referido processo, visto como centro e agente ativo dentro dele; iii) autonomia; iv) trabalho em grupo e mediante variados espaços, mecanismos e situações; v) engajamento e cooperação; vi) reflexão e análise, que são marcas de uma aprendizagem efetiva e participativa; vii) aprendizagem baseada em projetos, problemas etc.

Nessa perspectiva, e como o tópico “i” acima sugere, o papel do professor é o de mediador. Ele desempenha uma espécie de “curadoria” (conceito pensado em seu sentido mais amplo). Assim, esse profissional precisa vencer aquela velha premissa de que ele é o que ensina e o aluno somente aprende (ensino bancário), numa relação marcada por exposições longas e sem uma ativa ação do discente. Para que essa mediação ocorra, de fato, e de direito, é preciso que os docentes estejam dispostos a isso e atentos à formação continuada, às mudanças pelas quais têm passado a educação e às necessidades dos seus alunos.

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (Moran, 2015, p. 17).

Dessa forma, e pautados por sua capacidade de acompanhar, mediar, analisar os processos, resultados, lacunas e necessidades, a partir dos percursos realizados pelos alunos individual e grupalmente, o professor efetiva-

se nesse lugar de mediador/ articulador das etapas individuais e grupais que envolvem o ensino. Para tanto, é preciso conhecer e organizar o processo por meio de aulas roteirizadas, mediação via ações como a sala de aula invertida, rotações por estação, *gameficação*, inquirições, formulação de problemas que estimulem um pensar mais profundo etc. Ou seja, lançando mão de métodos que levem os estudantes a pesquisar, fazer, experimentar.

Para instrumentalizar nossos jovens e nossas crianças no uso da rede computadores, precisamos de uma educação centrada na aprendizagem, quer dizer, na pesquisa, que implica a ação do aluno, não sua passividade [...]. Formar pesquisadores, pensadores, autônomos e responsáveis, esse é o alvo da educação contemporânea e sua urgência (Mosé, 2015, p. 65). [...] a passividade é o oposto do pensamento; que não é só um sinal da ausência do juízo e da compreensão pessoal, mas também invalida a curiosidade, provoca distração mental e faz da aprendizagem uma tarefa e não um prazer (Dewey, 1959, p. 262).

As discussões acerca da necessidade de inovadoras práticas pedagógicas, no fazer docente, não são necessariamente uma novidade. No entanto, a pandemia do coronavírus e o seu conseqüente isolamento e fechamento das escolas, naquele biênio, para as aulas presenciais, acelerou e aqueceu ainda mais o debate acerca desse tema.

Nesse íterim, a solução encontrada por diversas instituições de ensino foram uma série de ferramentas síncronas e assíncronas² (algumas já conhecidas e usadas, outras nem tanto) disponíveis para manter as aulas, e, com isso, o desafio a milhares de profissionais da educação em (re)pensar a sua prática docente. Toda essa situação nos mostrou que a formação dos professores, inclusive nas Universidades, precisa se ater às mudanças e repensar a forma como se tem feito e estudado os planejamentos, a didática e as metodologias. Assim, as Metodologias Ativas podem fomentar novas formas de ensinar e fazer com que diversos conhecimentos curriculares possam ser ensinados de modo significativo e engajado (Cf. Darub; Silva, 2020, p.2).

Outra temática de destaque diz respeito ao movimento em se (re)pensar a formação docente. Os professores têm que repensar o seu papel. Se é certo que continuam a ser fontes de informação, têm de se consciencializar que são apenas uma fonte de informação, entre muitas outras. Deve salientar que o seu valor informativo tem níveis diferentes conforme o acesso que os seus alunos puderem ter a outras fontes de informação [...]. Haverá alunos que não vão precisar muito da informação substantiva dos professores, embora precisem da informação processual no sentido de digerirem e criticarem. Porém, outros alunos necessitarão que o professor os informe sobre a substância e sobre o processo (Alarcão, 2011, p. 33-34).

Precisamos admitir quão inevitável é essa mudança de mídias e ter a clareza de que em alguns anos o acesso à informação por meio da rede será absolutamente democratizado e que esses conteúdos que hoje são cobrados

² Ferramentas Síncronas são quando professor e aluno estão em aula ao mesmo tempo. Ex. Telefone, Chat, Vídeo Conferência, Web conferência, aplicativos como o WhatsApp, Plataformas como Google Classroom, Zoom etc. Já as ferramentas Assíncronas é quando a interação não ocorre ou não se efetiva ao mesmo tempo. Ex. E-mail, WhatsApp, plataformas que não permitem interação ao mesmo tempo, atividades escritas para os alunos que não têm acesso aos meios e tecnologias de informação e comunicação.

dos alunos nos bancos escolares estarão totalmente acessíveis a qualquer pessoa, em quaisquer tempo e lugar (Mosé, 2015, p. 63).

É em virtude disso que a formação constante dos professores pode funcionar como poderosa aliada. A formação docente é de extrema importância para os profissionais da educação em vários níveis. No caso dos professores, essa necessidade não apenas os mantém atualizados e atentos em um ambiente educacional em constante mudança, mas também contribui para o desenvolvimento profissional e pessoal, impactando positivamente a qualidade do ensino e a aprendizagem dos alunos. A partir disso, ele pode se aproximar da noção de professor reflexivo, que:

[...] baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa (Alarcão, 2011, p. 44).

Nesse sentido, a formação continuada “é condição imprescindível para a prática docente de qualidade, seja esta referente a metodologias ativas ou a temáticas emergentes em educação” (Darub; SILVA, 2020, p.9), ainda mais quando a pensamos no contexto de um mundo altamente tecnológico, digital e virtual, cujos estudantes são “nativos digitais” e, por isso, muitas vezes, não conseguem compreender a mecânica de uma escola ainda situada num formato do século XIX.

Isso não significa que a formação docente deva desconsiderar as mais variadas realidades que se encontram dentro da escola. Pelo contrário, o processo constante de formação, ao envolver trocas, “com-versação” e estudo, poderá ajudar inclusive na percepção e no reconhecimento da heterogeneidade que compõe as salas de aula. Essa ação funcionaria como “comunidades práticas”, que, no âmbito da formação continuada de professores, configuram-se como “grupo de professores que trocam, refletem e aprendem uns com os outros tomando como matéria-prima relatos sobre suas práticas (Vargas; Procasko, 2021, p. 90)”.

Com isso, o papel/função do professor passa a ser criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas capacidades individuais para aprender (Alarcão, 2011, p. 32). Dessa forma, a formação entraria num outro patamar, ao valorizar as experiências e saberes docentes oriundos do chão da escola. Isso reforçará, acredito, a ideia de que os nossos estudantes possuem ritmos e formas de aprendizagens distintas. Assim, portanto, ignorar esta condição significa perpetuar práticas tradicionais de ensino que valorizam apenas uma parcela dos estudantes (Darub; Silva, 2020, p. 9), o que, por consequência, levaria os docentes a perceberem, eles próprios, a necessidade de mudança, atualização etc.

Ao adotar a formação do professor como política de governo (seja municipal, estadual, distrital ou federal), as redes perceberão que isso poderá impactar, de maneira satisfatória, inclusive avaliações externas, como SABE (Sistema de Avaliação Baiano de Educação), SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) entre outras. Isso porque, ao pautar o tema das metodologias, haveria aprofundamento e transposição de questões que beiram o modismo e,

por isso, pairam sempre na superfície teórica dos conceitos implicados. Um programa formativo, por exemplo, aprofundaria as reflexões quanto ao uso de métodos, como as metodologias ativas, para além da técnica, mas como possibilidade de reconfiguração dos processos de ensino e de aprendizagem e da lógica diretiva do ensino (Darub; Silva, 2020, p. 9). Contudo, para que isso ocorra, “os formadores de professores têm uma grande responsabilidade na ajuda ao desenvolvimento desta capacidade de pensar autônoma e sistematicamente (Alarcão, 2011, p. 49)”.

Esta discussão, ora empreendida, vislumbra propor, por meio da formação continuada, a partir das metodologias ativas, a ressignificação da prática docente. Formação docente, nesse caso, mediante o funcionamento e aparato das metodologias ativas, colocaria o professor no centro do processo formativo, para que ele, ao pensar sua aula, dentro do seu *modus operandi*, coloque o seu aluno como sujeito ativo na produção do conhecimento.

As ações para a formação docente devem passar pela proposição de iniciativas que considerem os professores como protagonistas e investigadores, com estratégias formativas adequadas à realidade da escola e aliadas aos documentos orientadores da educação [...]. Os ambientes formativos devem permitir estruturas libertadoras para que os professores encontrem um espaço seguro para aprender, oferecendo recursos e adotando uma postura de acolhimento, respeito e empatia com o grupo (Vargas; Procasko, 2021, p. 97).

No que tange à aplicação das metodologias ativas à formação docente, tem-se que não é possível pautar a incorporação delas à prática docente da sala de aula, sem que o(s) docente(s) conheça(m) e, mais do que isso, experencie(m) a efetividade delas. Não há como o seu ensino ser mais ativo e sua metodologia diversificada e dialógica se tais questões não fazem parte do arcabouço teórico-metodológico do professor. E, nesse sentido, a melhor forma de pensar e solucionar essas questões é a partir de um processo formativo-reflexivo que apresente as metodologias ativas e fomente a imersão nelas. Em outras palavras, é vincular o aprendizado à ação, e isso desde a formação docente até o ensino-aprendizagem do estudante na escola.

Assim sendo, essas metodologias precisam entrar como um dos princípios da formação docente, na perspectiva do currículo globalizante/integrado (Nascimento; Fernandes, 2021, p. 529) em diálogo com que propõe pensadores como Paulo Freire, Isabel Alarcão entre outros, que fazem assertivas críticas à metodologia tradicional de ensino e à ausência de reflexão sobre a prática docente. Pois o professor deve ser, por natureza, um ser pensante, intelectualizado, capaz de gerir a sua ação profissional (Alarcão, 2011, p. 50).

A chamada sociedade da informação, como uma sociedade aberta, global e globalizante, tem exigido cada vez mais competências de acesso, avaliação e gestão da informação oferecida. Além disso, as escolas são lugares onde as novas competências devem ser adquiridas ou reconhecidas e desenvolvidas (Alarcão, 2011, p. 13). Por esta razão, se faz necessário o que temos, até aqui discutido, que é a formação e a abertura para as Metodologias Ativas, entendidas como mecanismos capazes de diversificar e potencializar a aprendizagem, bem como gerar essa nova competência nos docentes, já que serão eles que mobilizarão elas no bojo da sala de aula e das escolas.

Ter competência é saber mobilizar os saberes. A competência não existe, portanto, sem os conhecimentos. Como consequência lógica

não se pode afirmar que as competências estão contra os conhecimentos, mas sim com os conhecimentos. Elas reorganizam-nos e explicitam a sua dinâmica e valor funcional (Alarcão, 2011, p. 22).

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que usamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer (Mosé, 2015, p. 69).

Contudo, essa (nova) sociedade que se desenvolve em meio a tantas mudanças produz pessoas cada vez mais inseridas nos seus processos e tem hoje uma geração inteira de nativos digitais, que urge, no campo da educação, por professores capazes de ler e agir sobre as condições de possibilidade que estão postas; e dispostos a fomentar as competências necessárias para a vida neste mundo altamente tecnológico.

Nesta era da informação e da comunicação, que se quer também a era do conhecimento, a escola não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. O aluno também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O seu papel impõe-lhe exigências acrescidas [...]. A escola, como organização, tem de ser um sistema aberto, pensante e flexível (Alarcão, 2011, p. 16-17).

Ensinar não pode ser transmitir conhecimentos, mas, antes de tudo, provocar interesses e dúvidas, fazer com que brotem questões e desenvolver métodos de pesquisa, de filtragem e seleção de dados, de ordenação de conteúdos, de construção da argumentação. Só há conhecimento quando há interpretação. O contrário não é aprendido (Mosé, 2015, p. 13). O professor que abre espaço para compreender e vivenciar o educar pela pesquisa, poderá fazer da sua prática profissional uma oportunidade para a construção de conhecimentos, e dessa forma, aproveitará a experiência de ensinar e aprender para se distanciar do papel de executor de projetos elaborados por outros, do transmissor de conhecimentos pensados e organizados fora do seu contexto de trabalho, criando condições para que seus estudantes experimentem um ambiente escolar de interação e diálogo (Rodrigues, et. al., 2021, p. 410).

Diante desse quadro e do entendimento de que estamos em meio a uma revolução no campo da educação e do fazer pedagógico, bem como compreendendo que a melhor forma de lidar com todas as mudanças advindas desses processos é a formação docente conjugada às metodologias ativas, entende-se a necessidade e urgência em pautar os temas discutidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso feito neste estudo apontou para a necessidade de a formação continuada do professor estar associada às metodologias ativas tanto no seu programa teórico quanto metodológico. Isso implica dizer que o docente precisa conhecer (teoricamente) aquilo que está sendo apresentado como proposta à sua práxis, e experienciar isso a fim de que veja e participe dos resultados oriundos da sua vivência.

Muito embora as metodologias ativas façam parte de uma discussão que atravessa algumas décadas, ou mais, se considerarmos apenas o seu teor e não necessariamente o nome, a sua presença no ensino das salas de aula ainda é bem reduzida. Elas têm o potencial para modificar positivamente a forma como ensinamos e não apenas como aprendem os nossos alunos. Mas para que isso se torne, de fato, uma realidade faz mister repensar os programas de formação para professores, inclusive e, principalmente, aqueles feitos pelas redes de ensino.

A formação docente possui papel muito importante quando se trata de inovação no campo educacional. Compreende-se que o ponto de partida na profissão docente é a essa formação, quando a maior parte do embasamento teórico é adquirido. Desenvolver um repertório didático-pedagógico que prepare o professor para a utilização de metodologias que incentivem a mudança do modelo pedagógico tradicional de ensino, pode ser o início da transformação do espaço escolar (Oliveira; Nóbrega; Cavalcante, 2023, p. 4).

As leituras empreendidas para este trabalho ajudaram a ratificar o entendimento de que novas práticas e a busca constante por aperfeiçoamento profissional podem transformar nossas escolas na forma como fazemos educação. Escolas precisam ser espaços mais amplos de apoio para que todos possam evoluir, para que se sintam apoiados nas suas aspirações, motivados para perguntar, investigar, produzir, contribuir. [...] As escolas que nos mostram novos caminhos estão migrando para modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas reais, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, ênfase em valores, combinando tempos individuais e tempos coletivos, projetos pessoais de vida e de aprendizagem e projetos em grupo (Bacich; Moran, 2018, p. 71).

Ademais, nesse contexto, o papel do professor é muito mais amplo e complexo. Não está centrado só em transmitir informações de uma área específica; ele é principalmente *designer* de roteiros personalizados e grupais de aprendizagem e orientador/mentor de projetos profissionais e de vida dos alunos (Bacich; Moran, 2018, p. 71). Essa diversificação e construção de novos fazeres associados ao papel do professor é absolutamente compatível com as metodologias ativas, que também são diversas, possuem um funcionamento abrangente e passível de efetivação.

Com isso, esta discussão nos levou a refletir sobre o conceito e a prática das Metodologias Ativas no bojo da formação para professores, bem como apontou essas metodologias como uma forma de ressignificar a prática docente.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018, [recurso eletrônico].

DAROS, Thuinie. **Covid-19 impulsiona uso de metodologias ativas no ensino a distância**. Disponível em:

<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-metodologias-ativas/>. Acesso em 11 out. 2020.

DARUB, Ana Keully Gadelha dos Santos; SILVA, Osnilson Rodrigues. **Formação de professores em metodologias ativas**. Anais do CIET: EnPED: 2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1396>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

DEWEY, John. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

FARIAS, Isabel M. Sabino de. *et.al.* **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MEDEIROS R. O; MARIN M. J. S.; LAZARINI C. A.; CASTRO R. M.; HIGA E. F. R. **Formação docente em metodologias de aprendizagem ativa**. Interface (Botucatu) [online]. 2022, p. 1-16.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. [online] 2015, Vol. 2, p. 15-33.

MORENO, T. A. **Desvendando as Metodologias Ativas de Aprendizagem**. [Ebook]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1D6YYEVAcpyNpm6_DepcIIsv71Qb-B_k4/view?usp=sharing

MOSÉ, Viviane (Org.). **A escola e os desafios contemporâneos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, 336 p.

NASCIMENTO, T. J.; FERNANDES, S. R. de S. Formação docente, metodologias ativas e problematização: diálogos com Paulo Freire. **Revista De Iniciação à Docência**, 6(2), 2021, 526-548.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval; NÓBREGA, Luciano; CAVALCANTE, Marcele Alves dos Santos. **O uso das metodologias ativas de aprendizagem na formação do professor**: das universidades para a prática nas escolas. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 8, 7 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/8/o-uso-das-metodologias-ativas-de-aprendizagem-na-formacao-do-professor-das-universidades-para-a-pratica-nas-escolas>.

PAIVA, M. R. F. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: Revisão integrativa. [online] **Sanare**, Sobral, 2016, Vol.15 nº.02, p.145-153.

PEREIRA, Vanessa Teixeira; CORREIA, Daniele. **As metodologias ativas na formação inicial de professores**: uma revisão da literatura. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/81145>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

RODRIGUES, D. R. da; MOREY, A. T.; MIRANDA, T. R. de S.; MARANGON, T. Formação continuada de professores com metodologias ativas de ensino - Dificuldades e conquistas. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 12, n. 3, p. 409-419, 13 dez. 2021.

ROSA, Rosane Teresinha Nascimento da. Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19. In.: **Rev. Cient. Schola**. Vol VI, Nr 1, julho 2020. Disponível em: [http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%20%202020%20\(Rosane%20Rosa\).pdf](http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%20%202020%20(Rosane%20Rosa).pdf). Acesso em 11 out. 2020.

VARGAS, A.; Procasko, J. C. S. R. Formação docente: uma perspectiva reflexiva e colaborativa sobre metodologias ativas. **Revista Conhecimento Online**, 3, 2021, 82–104. <https://doi.org/10.25112/rco.v3.2707>.